



HEINE, H. *Heine, hein? Poeta dos contrários*. Tradução e introdução: André Vallias. São Paulo: Perspectiva/Goethe-Institut, 2011.

Romero Freitas (UFOP)

### O amigo mais velho do jovem Marx

A publicação do volume *Heine, hein? Poeta dos contrários* – na célebre Coleção Signos, criada por Haroldo de Campos – é um evento destinado a mudar da água para o vinho a compreensão da poesia de Heine no Brasil. Como o tradutor e organizador André Vallias demonstra, no breve aparato histórico que acompanha a sua edição, a poesia de Heine é uma espécie de companheira de viagem da poesia brasileira. Do romantismo ao dias de hoje, ela sempre foi traduzida e comentada, e seus tradutores e leitores são figuras ilustres da poesia brasileira, como Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Mário Faustino ou Décio Pignatari. Apesar disso, a poesia de Heine era uma espécie de flagrante esquecimento no mercado editorial brasileiro: enquanto algumas das suas mais conhecidas obras em prosa já haviam sido traduzidas no país (*Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*, Iluminuras, 1991; *O Rabi de Bacherach*, Hucitec, 1992; *Noites florentinas*, Mercado Aberto, 1998), os seus poemas continuavam a aparecer apenas em revistas literárias, coletâneas de poesia alemã, trabalhos acadêmicos e sites da internet.

Uma situação bem estranha, se considerarmos que Heine foi essencialmente um poeta. Leia-se a esse respeito, por exemplo, o que Nietzsche escreveu sobre ele: “O supremo conceito do poeta lírico me foi dado por *Heinrich Heine*. É em vão que eu busco, ao longo dos milênios, uma musicalidade tão doce e apaixonada. Ele possuía aquela maldade divina, sem a qual eu não posso pensar o que é perfeito – estimo o valor dos homens, das raças, pelo quão necessariamente saibam entender o deus não separado do sátiro”

(*Ecce Homo*, in *Werke in drei Bänden*, Ed. K. Schlechta, 1969, II, p. 1088). Nietzsche poderia certamente ter se lembrado do ensaio histórico mencionado acima (*Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*), que tem com um de seus temas-chave a reflexão filosófica sobre a morte de Deus: “Vocês estão ouvindo soar o pequeno sino? Ajoelhem-se. Estão levando os sacramentos a um Deus agonizante” (*Contribuição*, p. 86). No entanto, é como poeta que Nietzsche se refere a Heine, e é assim (sobretudo) que o veem os seus conterrâneos, ontem e hoje, e é desse modo que ele foi visto no Brasil, desde que aportou entre nós pela primeira vez.

A razão principal desse esquecimento da poesia de Heine no mercado editorial brasileiro não me parece estar nas dificuldades de tradução. Em primeiro lugar, se tais dificuldades fossem especiais, Heine não teria sido quase que constantemente traduzido no Brasil, desde o século XIX. Em segundo lugar, poetas cuja tradução é bem mais difícil, como Hölderlin, Celan ou George, encontram-se nas estantes brasileiras já há algum tempo. O problema parece estar na aparência – ilusória, mas persistente – de um envelhecimento da poesia de Heine, pelo fato de que ela esteve quase sempre associada às vertentes menos criativas do romantismo e do simbolismo. O aspecto propriamente *moderno* dessa poesia – manifesto no uso dessacralizador da linguagem e latente na interpretação do poema como ato – sempre tendeu a ficar em segundo plano.

Esse não é, no entanto, um erro de apreciação especificamente brasileiro. Por toda parte, quando se fala em Heine, pensa-se sobretudo nos poemas de amor ironicamente desencantados – mas musicalmente belos e simples – e esquece-se que o poeta escreveu também poemas políticos e filosóficos cheios de ambivalência e sutileza, poemas que ainda hoje são um desafio para a crítica. Um exemplo eloquente é o poema “Doutrina”, que André Vallias traduziu de forma bastante eficaz, conservando seu ritmo militar (*Heine, hein?*, p. 251):

Bate teu tambor sem medo,  
Depois beija a vivandeira!  
Eis a ciência; e a dos livros,  
Súmula mais verdadeira.

Tira o povo do torpor,  
Toca o hino com veemência,  
Marcha e bate teu tambor,  
Eis aí toda Ciência.

É de Hegel a doutrina;  
Suprassumo verdadeiro!  
Entendi pois sou ladino,  
E também bom tamboreiro.

Mais de 150 anos depois de escrito, esse poema ainda divide a crítica (Cf. *Interpretationen: Gedichte von Heinrich Heine*, Reclam, 2006). Sátira ou elogio da dialética de Hegel? Elogio irônico, ambíguo? Não é nada fácil compreender qual a doutrina desse tamboreiro... Ou seria uma anti-doutrina?

Leituras revolucionárias da dialética de Hegel são bem típicas da geração de Heine (que é a dos chamados “hegelianos de esquerda”), mas esse poema, escrito justamente na época em que Heine mantém estreito contato com Marx (1844), parece antes zombar da poesia engajada da época – tal como Heine fará inúmeras vezes no longo poema épico-satírico intitulado *Alemanha. Um Conto de Inverno* (Crisálida/Goethe-Institut, 2011). Sabe-se que Heine assistiu, na juventude, aos cursos de filosofia da história ministrados por Hegel em Berlim. É provável que, após um entusiasmo juvenil com a filosofia do devir universal do Espírito, Heine tenha optado por uma crítica do idealismo hegeliano. É bem possível, inclusive, que ele tenha sido um dos primeiros a querer trazer o pensamento de volta à Terra. Nas deliciosas “Cartas de Helgoland” (1840) – ilha do Mar do Norte onde o poeta passou o verão de 1830, ocupando-se, dentre outras coisas, com leituras nada ortodoxas da Bíblia – lemos: “Tal como em suas declarações sobre Goethe, também no julgamento de outros escritores, Börne [escritor e crítico literário alemão com quem Heine mantém uma extensa polêmica] deixava sempre transparecer sua estreiteza nazarena. Eu digo nazarena, para não utilizar o termo ‘judeu’ ou ‘cristão’, conquanto ambas as expressões sejam sinônimas para mim, e não sejam usadas para definir uma crença mas um temperamento. ‘Judeus’ e ‘cristãos’ são para mim palavras com significados coincidentes, em oposição a ‘helenos’, nome que tampouco uso para

denominar um determinado povo, mas um direcionamento de espírito e um modo de ver, inato e igualmente ensinado. Nesse sentido, gostaria de dizer: todos os homens são judeus ou helenos; homens com impulsos ascéticos, iconoclastas ou espiritualizantes, ou homens com alegria de viver, orgulho de desabrochar e senso de realidade” (Heine, hein?, p. 228). Esse elogio da alegria de viver e do senso de realidade parece muito mais próximo de Goethe (“o Espinosa da poesia”, nas palavras de Heine) do que do “nazareno” Hegel, sempre envolvido com as cinzentas abstrações do Espírito absoluto. Várias outras passagens das “Cartas de Helgoland” referem-se com ironia ao pensamento abstrato e espiritualizante que tem origem na Bíblia. Isso, aliás, serviria no mínimo para matizar a imagem de Heine como poeta melancólico ou como “o último poeta romântico”.

Em síntese, o maior mérito do trabalho de André Vallias é jogar uma pá de cal sobre alguns (antiquíssimos) clichês. Se um grande número de leitores ainda associa o nome de Heine principalmente aos (belíssimos) *Lieder* de Schumann e Schubert, que transpõem em música os poemas mais simples, da fase de juventude, eles têm agora a opção de ler boas traduções de poemas como “Doutrina”, “Os ratos retirantes” ou o impressionante poema que se inicia com o verso “Larga as parábolas sagradas”, que nas duas primeiras estrofes lembra diretamente os questionamentos lírico-políticos de Bertolt Brecht:

Larga as parábolas sagradas,  
Deixa as hipóteses devotas,  
E põe-se em busca das respostas  
Para as questões mais complicadas.

Por que se arrasta miserável  
O justo carregando a cruz,  
Enquanto, impune, em seu cavalo,  
Desfila o ímpio arcabuz?

De quem é a culpa? Jeová  
Talvez não seja assim tão forte?  
Ou será Ele o responsável  
Por todo o nosso azar e sorte?

E perguntamos o porquê,  
Até que de súbito – afinal –  
Nos calam com a pá de cal –  
Isso é resposta que se dê?